



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 19 – Ano X – 05/2021  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## A FICCIONALIZAÇÃO DE OSWALD DE ANDRADE EM *NEVE NA MANHÃ DE SÃO PAULO*

Pâmella Possatti Negreli  
Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Paraná – UFPR  
Curitiba – PR – Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/9401969387711078>  
E-mail: [pamellapnegreli@gmail.com](mailto:pamellapnegreli@gmail.com)

**Resumo:** Analisa o romance *Neve na manhã de São Paulo* (2017), de José Roberto Walker, sob o olhar do romance histórico, focando na figura do Oswald de Andrade e sua ficcionalização, levando em conta o que de fato aconteceu na história de acordo com o que é narrado no livro. Para tal, usaremos como aporte teórico, principalmente, György Lukács, em sua obra *O romance histórico* (2011), Rubens de Oliveira Martins, em seu estudo "*Belle Époque literária e modernismo: Oswald de Andrade, intelectual entre dois mundos*" (2000) e Cleia da Rocha Sumiya, com o artigo "O romance histórico no Brasil: um breve panorama da produção ficcional" (2016).

**Palavras-chave:** Romance Histórico. Oswald de Andrade. Modernismo. Ficção Histórica.

## Introdução

*Neve na manhã de São Paulo* (2017) é o primeiro romance escrito pelo historiador, publicitário e produtor cultural José Roberto Walker. Considerado pelo autor como um “romance de não ficção” (WALKER, 2017, p. 366), haja vista sua extensa pesquisa dos fatos históricos apresentados no livro, sabemos que esse tipo de narrativa, apesar de não se encaixar no modelo clássico de romance histórico, o é. Deter-nos-emos a esse assunto com o propósito de introdução ao tema e, então, passaremos à uma análise mais detalhada do personagem Oswald de Andrade, ficcionalizado na obra, ora como Oswaldo<sup>1</sup>, ora como Oswaldinho.

O romance começa com a morte de Oswaldo, porém, todo o livro é sobre os anos anteriores à Semana de Arte Moderna, narrando desde a infância do autor e perpassando seus amores, como também momentos históricos importantes que aconteceram na época da narração da obra. O livro é protagonizado por Pedro, um narrador-personagem que, acima de tudo, nos conta sobre a vida de Oswaldo. Dito isso, como já mencionado acima, essa narrativa é considerada um romance histórico por lidar não só com momentos históricos, mas também com personagens históricas.

György Lukács, em sua obra *O romance histórico* (2011), nos aponta diversas características do que seria romance histórico, usando como base para suas afirmações, principalmente, o escritor Walter Scott, que de acordo com Lukács, seria o primeiro autor a realmente produzir um clássico romance histórico (2011, p. 33). Apesar de as obras contemporâneas não se encaixarem na definição clássica, não podemos deixar de notar algumas semelhanças e, claro, discrepâncias entre as características do romance definido por Lukács e do romance aqui estudado. Vejamos, portanto, algumas dessas características que nos ajudarão a formar o panorama do que seria esse romance histórico.

## Análise: o real e a ficção

Em *Neve na manhã de São Paulo*, temos a figura do Oswald de Andrade ficcionalizado, além de outros personagens da vida real também ficcionalizados e

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho, tal qual na obra literária, usaremos Oswaldo para nos referirmos ao personagem ficcionalizado de Oswald de Andrade.

que foram muito influentes na época em que se passa a narrativa. Porém, nem Oswaldo, nem algum desses são a figura principal do romance. O protagonista é um personagem inventado por Walker, segundo ele, uma mistura de várias pessoas que frequentavam a famosa *garçonnière* (WALKER, 2017, p. 366), da qual falaremos mais adiante. Dito isso, vamos à figura do “herói” (protagonista). Segundo Lukács,

O “herói” do romance scottiano é sempre um *gentleman* inglês mediano, mais ou menos medíocre. Em geral, este possui certa inteligência prática, porém não excepcional, certa firmeza moral e honestidade que beiram o sacrifício, mas jamais alcançam o nível de uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção entusiasmada a uma causa grandiosa (LUKÁCS, 2011, p. 49).

Aqui temos nosso primeiro ponto de encontro. *Neve na manhã de São Paulo* apresenta um personagem principal completamente mediano, que como percebemos durante a narrativa, vive à sombra dos grandes artistas que o cercam, enquanto ele mesmo tenta ser um escritor sem obter sucesso e resigna-se a uma vida comum: “Acho que só eu fiquei para trás.” (WALKER, 2017, p. 360). Ou seja, tanto nos romances de Scott como no romance discutido aqui, “o papel de destaque é desempenhado justamente por personagens históricas desconhecidas, históricas apenas em parte ou puramente fictícias” (LUKÁCS, 2011, p. 55).

O segundo ponto de destaque, a partir do exposto acima, é o fato de que o personagem histórico é apenas coadjuvante. Lukács explica que

Scott deixa que as personagens importantes surjam a partir do ser da época, jamais explicando a época a partir de seus grandes representantes, como faziam os adoradores românticos dos heróis. Por isso, elas nunca podem ser figuras centrais do ponto de vista do enredo. Pois a própria apresentação ampla e multifacetada do ser da época só pode chegar claramente à superfície mediante a figuração da vida cotidiana do povo, das alegrias e das tristezas, das crises e das desorientações dos homens medianos. A personagem de destaque e de importância histórica, que resume uma corrente histórica, resume-a necessariamente em determinado plano de abstração (LUKÁCS, 2011, p. 56).

Percebemos isso muito claramente durante a nossa narrativa. Podemos citar alguns momentos históricos importantes durante o romance, que de modo algum está centrado diretamente no personagem histórico importante, mas sim relacionados ao coletivo social, como a Greve Geral de 1917, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Gripe Espanhola (1918). Em nenhum desses momentos, Oswaldo ou qualquer outra figura histórica é o centro da “ação” – eles são meros coadjuvantes. Nesse sentido, o narrador e personagem principal relata e vive esses acontecimentos, tentando dar voz ao sentimento geral do país. Como comenta Lukács,

A grande personagem histórica, no papel de coadjuvante, pode gozar plenamente a vida como ser humano, aplicar na ação todas as suas qualidades grandiosas e mesquinhas; porém, no enredo, ela é figurada de modo que só age, só chega à expressão de sua personalidade em situações historicamente importantes. Assim, atinge um desdobramento pleno e multifacetado de sua personalidade, mas apenas na medida em que essa personalidade está ligada aos grandes eventos da história. (2011, p. 64).

De acordo com essa informação, percebemos que apesar do ponto de encontro pelo fato de serem coadjuvantes, também é possível notar distanciamento em outros pontos. No romance histórico de Lukács, a personagem histórica tem sua maior expressão durante os momentos históricos, o que não acontece em nosso romance. De fato, Oswaldo quase não aparece durante as narrativas dos três grandes momentos citados acima. O que impera é um detalhamento do que aconteceu com o país e com o povo, mas não necessariamente esses eventos têm significância ou são movidos pelo personagem histórico.

Com isso, chegamos ao ponto que realmente distancia nosso romance do romance histórico de Lukács. Talvez, por ter sido ficcionalizado um escritor, esse não tenha papel fundamental em acontecimentos históricos, sobretudo se considerado que alguns teóricos não reconhecem como romance histórico escritores ficcionalizados, caso da Leyla Perrone-Moisés em “Os escritores como personagens de ficção” (2016). Segundo a autora,

Seriam eles apenas a versão atual do velho romance histórico? Embora essas obras se aparentem ao romance histórico, por colocarem o protagonista em seu contexto temporal e social, amplamente pesquisado pelos autores, não podemos classificá-las como romances históricos, porque nelas o essencial não é um panorama fiel de determinada época, mas, frequentemente, um cotejo (explícito ou implícito) do passado histórico com o tempo presente. E não apenas por interferências lúdicas de anacronismos, como se tornou usual nas ficções pós-modernas, mas por um objetivo maior de reflexão sobre o passado e o presente, dos homens e da própria literatura (2016, p. 146).

No entanto, há estudos não tão “conservadores”. Alterando o termo romance histórico para ficção histórica, esse abarcaria todos os romances históricos que não se encaixam nos conceitos de Lukács:

Na contemporaneidade muitas polêmicas cercam o termo romance histórico, principalmente com relação à permanência da forma pensada por Lukács, no século XIX, em um momento em que o próprio discurso histórico passa por uma série de transformações. Neste sentido, muitos críticos optam por chamar a essa forma herdeira de Lukács de *ficção histórica*, *metaficção histórica* ou *novo romance histórico*. [...] Entendemos o adjetivo histórico associado ao gênero romance como uma característica mais ampla que envolve e aceita as próprias mudanças do que se convencionou chamar de discurso histórico (SUMIYA, 2016, p. 151).

Cleia da Rocha Sumiya, em um artigo sobre esse assunto, “O romance histórico no Brasil: um breve panorama da produção ficcional” (2016), faz um apanhado do que é o romance histórico de Lukács e o que é o romance histórico de hoje. Acreditando que a autora resume bem essa problemática, finalizamos a parte deste estudo em que tentamos definir o romance histórico clássico e o atual:

Atualmente, pensar o romance histórico só é possível tendo em vista as rupturas e permanências da forma desde o romance de Walter Scott. De modo que podemos afirmar que o romance histórico, assim como o próprio romance em geral, recria-se constantemente, e embora esteja atrelado aos pressupostos de uma tradição dialoga e assimila bem as inovações do gênero (SUMIYA, 2016, p. 162).

Desta forma, depreende-se que a narrativa histórica atual pode tanto manter um íntimo diálogo com a forma scottiana, como nos mostram algumas ficções históricas, como pode negar seus pressupostos, como no caso do romance de memória, no entanto, seja como filiação à proposta de Lukács, seja como negação desta, o objeto da ficção histórica ainda é o mesmo: a relação do homem com a história (2016, p. 162).

Fica claro que mesmo o romance atual se afastando e, em alguns casos se aproximando do romance clássico, esse ainda continua a viver em suas outras formas. Em tal perspectiva, vale comentar também a teoria de Walter Mignolo, que em seu estudo “Lógica das diferenças e política das semelhanças: da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa” (2001) define o que ele chama de personagens nativas e personagens imigrantes em um romance. As primeiras seriam “*enunciados ficcionalizadores de entidades existentes*” (grifos do autor) e as segundas “*enunciados constitutivos de entidades não existentes*” (MIGNOLO, 2001, p. 125). Essas duas formas de enunciados se enquadrariam na convenção de ficcionalidade, enquanto o segundo, sozinho, se enquadraria na convenção de veracidade (p. 125). Vamos perceber ao longo do texto que temos as duas formas no livro, pois possuímos tanto personagens existentes quanto não existentes (o narrador e sua família, por exemplo). Portanto, segundo Mignolo, estamos diante de um romance (ficção) que imita o discurso historiográfico ou antropológico (veracidade) e neles colidem o “ficcionalmente verdadeiro do autor [...] e o verdadeiramente ficcional do discurso historiográfico ou antropológico imitado” (p. 133).

No tocante à análise do personagem Oswaldo de Andrade, tratado no romance como Oswaldinho, exemplificaremos a ficcionalização do autor em alguns eventos importantes de sua vida narrados na obra que estejam relacionados com o advento

do Modernismo. Todavia, não nos deteremos a outros momentos históricos do romance que Oswald não tenha papel fundamental.

Apesar de o movimento modernista não ser propriamente narrado no romance, ele está presente nas entrelinhas, pois toda a história se passa no momento anterior ao seu acontecimento. Oswald foi um dos idealizadores do Modernismo, claramente sob influência do continente europeu, o qual visitou inúmeras vezes (WALKER, 2017, p. 15, 25-26), como é mencionado logo no início da obra e durante toda a narrativa. O protagonista também narra uma conversa que teve com Oswald em que deixa esse aspecto da influência europeia muito clara: “– Será que daqui a pouco veremos *suffragettes*<sup>2</sup> por aqui também? – perguntei a Oswald, que voltara da Europa impressionado com as manifestações de mulheres pelo direito de voto, que ele vira em Londres anos antes.” (WALKER, 2017, p. 136).

Rita de Cássia Martins Oliveira, no trabalho intitulado “Breve panorama do Modernismo no Brasil – revisitando Mário e Oswald de Andrade” (2012), apresenta um panorama do que foi o movimento e suas influências:

O movimento modernista, iniciado efetivamente em 1922, foi o palco de intensas transformações no cenário cultural brasileiro. Teve como propulsoras as influências externas, procedentes do exemplo europeu e influências internas geradas pelas mudanças políticas e econômicas do início do século. [...] A liberdade criadora, o rompimento com o passadismo, a expressão da subjetividade e um certo irracionalismo eram tendências dessas vanguardas que se irradiavam para outras partes do mundo. [...] Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, exemplos dessas importações, trouxeram para o Brasil estas tendências, as quais foram responsáveis pela profunda transformação cultural brasileira que se iniciou no século XX (OLIVEIRA, 2012, p. 83).

Podemos afirmar que “a movimentação” começou com a revista *O Pirralho* (WALKER, 2017, p. 30), citada pela primeira vez no início do romance, mas que faz suas aparições por toda sua extensão. Trata-se de uma revista colaborativa entre Oswald e seus amigos, que tinha, por exemplo, Ferrignac como desenhista: “Ferrignac era o desenhista do grupo e já havia feito, no ano anterior, uma exposição de seus desenhos e caricaturas, além de desenhar todas as semanas para *O Pirralho*.” (2017, p. 33).

Rubens de Oliveira Martins, em seu estudo “*Belle Époque literária e modernismo: Oswald de Andrade, intelectual entre dois mundos*” (2000), comenta que “Em 1911

---

<sup>2</sup> “*Suffragettes*” é um termo que vem de “sufragista” que significa “mulher que lutou pelo direito de voto para o seu sexo, no início do sXIX” (HOUAISS, 2009, p. 1786).

surge *O Pirralho*, dirigido por Oswald de Andrade, considerada a revista mais importante do período em São Paulo, pelo seu caráter humorístico e literário que alcançavam aspectos de crítica social e política.” (p. 260). Alguns anos depois, surge uma *garçonnière*, lugar que Oswaldo aluga para que ele e seus amigos artistas possam trocar ideias literárias e escrever. O narrador conta que

À noite, Oswaldo, Guy, Ignacio, Edmundo e eu nos reunimos na *garçonnière* ainda semimobiliada e tomamos lá nossa primeira garrada de vinho. Guy fez seu discurso de inauguração e benzeu – com o vinho – nosso novo refúgio. Todos nós falávamos e, se bem me recordo, nos discursos reafirmamos os nossos projetos futuros e todas as grandes coisas que haveríamos de realizar e que eram nossa única preocupação na época. Acredito que todos achamos, nessa noite, que alguns dos nossos sonhos se realizariam naqueles dois cômodos da rua Líbero Badaró (WALKER, 2017, p. 87).

Martins também corrobora em sua pesquisa a existência da *garçonnière*, tal qual o autor do livro e narrador nos conta:

É assim que, entre 1917 e 1918, aluga e mantém uma *garçonnière* à Rua Libero Badaró, onde estreita relações com outros nomes da intelectualidade paulista, na ânsia de agitar a vida cultural da cidade e de fazer melhor compreender as novas tendências estéticas que conhecera na Europa. Freqüentam a *garçonnière* Menotti del Pichia, Monteiro Lobato, Léo Vaz, Guilherme de Almeida, Ignácio Ferreira (o caricaturista Ferrignac), Pedro Rodrigues de Almeida, Sarti Prado e a musa animadora de todos, Dayse, a “miss Ciclone” (MARTINS, 2000, p. 262).

A “miss Ciclone” mencionada acima, é referenciada na obra pelo seu nome real, Maria de Lourdes; por seu apelido, Daisy, e por uma espécie de codinome que Oswaldo dá a ela, Miss Cyclone, sendo uma das personagens mais importantes de *Neve na manhã de São Paulo*. Daisy era uma normalista por quem Oswaldo se apaixonou perdidamente e, pelo que se pode extrair do romance, tornando-se até mesmo obcecado por ela. Escondida da família, a moça passa a se encontrar com Oswaldo na *garçonnière* em suas fugidas da escola, e o meio para eles se comunicarem era por meio de *O pirralho*, em que o escritor deixava-lhe recados sob o codinome de Miss Cyclone: “Aos poucos ela foi entrando mais e mais em nossas vidas. Agora já era oficialmente a Miss Cyclone, como Oswaldo a tinha apelidado nas primeiras cartas que lhe escreveu através do *Pirralho*.” (WALKER, 2017, p. 165). O narrador ainda conta que

Animado com sua nova descoberta e desafiado pelo atrevimento de Daisy, que parecia não ter limites, ele um dia ousou convidá-la para conhecer a *garçonnière*. Para sua surpresa ela aceitou e prometeu ir na semana seguinte. [...] Depois de mais de um mês dessa história, ele me disse que iria publicar uma carata para ela no *Pirralho* (WALKER, 2017, p. 97).

Dos encontros entre Oswald e seus amigos na *garçonnière*, além de Daisy, nasceu um livro que era uma espécie de registro dos encontros da época. Tal livro existe e pode, inclusive, ser comprado. Acerca disso, Martins reitera que

Os encontros são registrados em um diário coletivo chamado “O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo”, onde pode ser encontrada toda a riqueza das discussões e do panorama intelectual em que viviam aqueles jovens, suas preocupações com os rumos da guerra, os acontecimentos literários e, também, o desenrolar do agitado romance entre Oswald e Dayse (MARTINS, 2000, p. 262).

Sobre “O perfeito cozinheiro das almas deste mundo”, o narrador conta que

Numa tarde, o Edmundo, vindo da academia, trouxe um grande livro de atas [...]. Era um daqueles livros de capa preta com duzentas páginas em branco, numeradas à máquina [...]. Edmundo sugeriu que o nosso Retiro precisava de um diário de bordo, como os dos antigos navios.

[...] Naquela noite, com a chegada de Oswald e dos outros, entronizamos o livro na mesinha de entrada. Edmundo providenciou penas, tinteiro e lápis de diversas cores. Na guarda do livro, Oswald escreveu a lápis: 1918-1919.” (WALKER, 2017, p. 180-181).

Foi nesse clima que se formou o famoso movimento modernista que estava por vir. O livro ainda expõe mais detalhes sobre o romance de Oswald com Daisy, mas por falta de estudos a respeito do assunto e para efeitos de fim de conversa, partiremos para um resumo dos eventos seguintes na narrativa sem um estudo ou artigo para corroborar a veracidade dos fatos narrados no livro.

O romance de Oswald e Daisy, apesar de arrebatador, era muito conturbado por ciúmes de ambas as partes, como narra o protagonista,

Oswaldinho, por seu lado, mantinha a mesma vida e vez ou outra se envolvia rapidamente em alguma relação boêmia que, justiça seja feita, ele logo descartava. Ela, só Deus sabe como, acabava sabendo e lhe fazia grandes cobranças. Ele, no entanto, era muito ciumento, vigiava Daisy e suspeitava de tudo o que ela dizia e fazia. Brigavam continuamente, como na época da *garçonnière*.” (2017, p. 335).

Oswald tinha uma vida agitada era famoso por seus casos na época. Daisy, que era de uma família muito restrita, não poderia ficar com ele oficialmente devido a esses impedimentos. Durante tais “confusões” de ciúmes, Daisy fica grávida e Oswald sugere que ela aborte, pois ainda cego de ciúmes pensa que o filho pode nem ser dele: “- Eu quero que ela vá ver a parteira do Nonê e resolva logo esse assunto. Com tudo que aconteceu, ela não pode exigir nada de mim.” (2017, p. 346). Assim, Daisy faz o aborto, porém algo dá errado e ela fica internada entre a vida e a morte.



Durante o tempo que fica no hospital, totalmente fraca e debilitada, Oswaldo finalmente se casa com ela, já prevendo o que viria de pior. O protagonista narra que “Eles se casaram numa quinta-feira, 14 de agosto” (2017, p. 357), mesmo com Daisy de cama. Dia 24 de agosto ela morre. A morte de Daisy, conforme relatado no romance, assombrou a vida inteira de Oswaldo, que se achava o culpado do acontecido até seus últimos dias.

### **Conclusão**

Enfim, apesar das discrepâncias entre os próprios teóricos do romance histórico, acreditamos que nenhum esteja totalmente certo ou errado. Todos possuem seus pontos de congruência e seus pontos de divergência. Finalizamos defendendo o conceito de romance histórico apresentado por Marilene Weinhart, em “A biblioteca ilimitada ou uma babel ordenada: ficção-crítica contemporânea” (2010):

A denominação *romance histórico* contém em si uma aporia. Para marcar a diferença usando a fórmula econômica de Walter Mignolo, considere-se que romance é regido pela convenção de ficcionalidade, enquanto o conhecimento histórico tem por base a convenção da veracidade. De outra perspectiva, *romance histórico* pode ser uma expressão pleonástica. O romance moderno, isto é, aquele que se instituiu e firmou com a burguesia, dito de maneira chã, é a representação da realidade. Portanto, no sentido amplo do adjetivo, todo romance é histórico em sua essência, por se inscrever em determinada temporalidade, que é histórica (WEINHARDT, 2010, p. 93).

A partir do esclarecimento da autora à dúvida se uma obra pode ser chamada de romance histórico ou não, usando a fórmula de Mignolo já mencionada durante nosso trabalho, podemos concluir que na contemporaneidade, com o realismo, todo romance pode ser considerado histórico, pois está inserido em determinado tempo, tempo esse que sempre é histórico.

## REFERÊNCIAS:

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LUKÀCS, György. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARTINS, Rubens de Oliveira. *Belle Époque* literária e modernismo: Oswald de Andrade, intelectual entre dois mundos. *Sociedade e Estado*. Vol. 15, n. 2. Brasília: 2000, p. 240-270. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-6992200000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-6992200000200004&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 25 de nov. de 2020.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças: da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, Ligia e AGUIAR, Flávio Wolf de (Orgs.) *Literatura e História na América Latina*: seminário internacional, 9 a 13 de setembro de 1991. Trad. Joyce Rodrigues Ferraz, Ivone Daré Rabello e Sandra Vasconcelos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 115-135.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Martins. *Breve panorama do modernismo no Brasil – Revisitando Mário e Oswald de Andrade*. Revista de Literatura, História e Memória. Vol. 8, nº 11. UNIOESTE, Cascavel, 2012, p. 82-95. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/6493>>. Acesso em: 25 de nov. de 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Os escritores como personagens de ficção. In: *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 113-148.

SUMIYA, Cleia da Rocha. O romance histórico no Brasil: um breve panorama da produção ficcional. *Letrônica*, v. 9, n. 1. Porto Alegre, 2016. p. 150-164. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/22049>>. Acesso em: 25 de nov. de 2020.

WALKER, José Roberto. *Neve na manhã de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WEINHARDT, Marilene. A biblioteca ilimitada ou uma babel ordenada: ficção-crítica contemporânea. *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande, MS, v. 2, n. 3, p. 81-102, jan./jun. 2010. Disponível em: < <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4929>>. Acesso em: 25 de nov. de 2020.

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 05/2021

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424